



## UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE OS IMPACTOS DAS MÍDIAS SOCIAIS SOBRE OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES NA CONTEMPORANEIDADE

**Lorena de Azevedo Gomes**

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense*  
[lrnpsicologa@gmail.com](mailto:lrnpsicologa@gmail.com)

**Emanoelly Carvalho Ferreira**

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense*  
[emanoellycarvalho.ferreira@gmail.com](mailto:emanoellycarvalho.ferreira@gmail.com)

**Crisóstomo Lima do Nascimento**

*Professor da Universidade Federal Fluminense e Professor Adjunto da Universidade Estadual do Norte Fluminense*  
[crisostomolima@id.uff.br](mailto:crisostomolima@id.uff.br)

### **Resumo**

O presente estudo se propõe a refletir a partir de um enfoque fenomenológico sobre o impacto das mídias sociais nos processos de subjetivação das crianças e dos adolescentes na contemporaneidade, tendo em vista a problemática do uso desenfreado de tal ferramenta na vida cotidiana do público referido. Objetiva-se com este artigo compreender os impactos das mídias sociais na construção da subjetivação das crianças e dos adolescentes; entender a importância da atuação dos familiares nesse momento da vida do público citado; e ampliar o horizonte de possibilidades de lida com o fenômeno das mídias sociais de modo mais saudável e consciente. Para tanto, utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica de autores como Martin Heidegger (2002), Gianni Vattimo (1992), Michel Foucault (1995) e Byung-Chul Han (2018, 2022). Como resultado observamos o quanto o avanço tecnológico tem impactado nos processos de subjetivação das crianças e dos adolescentes por meio da invisibilização de outros modos de ser e estar no mundo mais significativos, sendo indispensável a mediação dos pais ou responsáveis nessa relação entre os filhos e a tecnologia. Contudo, ficou evidente que as mídias sociais são

ferramentas que precisam ser usadas com equilíbrio, a fim de que elas não sejam o único modo de relação das crianças e dos adolescentes com as coisas, mas apenas uma possibilidade dentre outras, abrindo espaços para modos de ser e estar no mundo mais contemplativos e criativos, que incentivem o uso da imaginação, da exploração do mundo fora das telas, do contato com a natureza e da construção de vínculos e de relações mais significativas da criança e do adolescente consigo mesmo, com o mundo ou com os outros, sendo de extrema importância a mediação dos pais ou responsáveis ao decorrer deste processo.

**Palavras-chave:** Processos de Subjetivação. Mídias sociais. Crianças e adolescentes. Fenomenologia. Tecnologia.

### ***Abstract***

The present study proposes to reflect from a phenomenological approach on the impact of social media on the processes of subjectivation of children and adolescents in contemporary times, taking into account the problem of the unrestrained use of such a tool in the daily lives of the public in question. The aim of this article is to understand the impacts of social media on the construction of the subjectivation of children and adolescents; understand the importance of family members' actions at this moment in the lives of the public mentioned; and expand the horizon of possibilities for dealing with the phenomenon of social media in a healthier and more conscious way. To this end, the bibliographic review of authors such as Martin Heidegger (2002), Gianni Vattimo (1992), Michel Foucault (1995) and Byung-Chul Han (2018, 2022) was used as a methodology. As a result, we observed how much technological advances have impacted the processes of subjectivation of children and adolescents through the invisibilization of other more significant ways of being in the world, with the mediation of parents or guardians in this relationship between children and the family being essential. technology. However, it became evident that social media are tools that need to be used with balance, so that they are not the only way children and adolescents relate to things, but just one possibility among others, opening spaces for ways of being and being in the world more contemplative and creative, which encourage the use of imagination, exploration of the world outside the screen, contact with nature and the construction of bonds and more meaningful relationships of children and adolescents with themselves, with the world or with others, with the mediation of parents or guardians being extremely important during this process.

**Keywords:** Subjectivation Processes. Social media. Children and teenagers. Phenomenology. Technology.

## 1. Introdução

O presente artigo propõe-se a estudar a partir de uma perspectiva fenomenológica o impacto das mídias sociais nos processos de subjetivação das crianças e dos adolescentes na contemporaneidade, tendo em vista a problemática do uso desenfreado de tal ferramenta na vida cotidiana do público referido. Sabe-se que o crescimento do avanço tecnológico tem corroborado para isto, bem como no declínio e na invisibilização de outros modos de ser e estar no mundo mais contemplativos e criativos, que incentivam o uso da imaginação, da exploração do mundo fora das telas, do contato com a natureza e da construção de vínculos e relações mais significativas, seja da criança e do adolescente consigo mesmo, com o mundo ou com os outros.

Atualmente, mais do que nunca, vivemos na era tecnológica, da inteligência artificial, do excesso de informações e das relações mediadas pelas telas. Tais avanços causam repercussões em diversos âmbitos da sociedade, como no âmbito social, cultural, econômico, político, educacional, trabalhista e também da saúde física e mental, ou seja, estão intrínsecas na sociedade capitalista vigente.

Logo, a pessoa ou o conjunto de pessoas responsáveis pelo suporte à criança e ao adolescente precisam antes de tudo lidar com as demandas desta sociedade e seus reflexos no âmbito do trabalho, o que exige constante desempenho e produtividade para que tenham de algum modo condições favoráveis à manutenção da vida. Portanto, observa-se que o cumprimento dessas demandas cotidianas cooperam potencialmente para o desgaste físico e mental dos responsáveis pelo suporte e cuidado do público em questão, que diante do cansaço e da falta de tempo acabam optando por suprir a ausência da presença física e interativa por meio do excesso da presença tecnológica.

Considerando que isto se torna ainda mais preocupante quando observamos que hoje as crianças já nascem imersas no mundo digital, objetivamos compreender os impactos das mídias sociais na construção da subjetivação das crianças e dos adolescentes; entender a importância da atuação dos familiares ou responsáveis

nesse momento da vida do público citado; e ampliar o horizonte de possibilidades de lida com o fenômeno das mídias sociais de modo mais saudável e consciente. Para tanto, utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica de alguns autores como Martin Heidegger (2002), Gianni Vattimo (1992), Michel Foucault (1995) e Byung-Chul Han (2018, 2022, 2023).

Além disso, também fizemos uso do método fenomenológico de investigação, que segundo Gil (2008) “parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas” (GIL, 2008, p.14 -15). Com isso, propomos neste trabalho realizar um recorte desse contexto contemporâneo de ascensão das mídias sociais entre as crianças e os adolescentes, a fim de compreender como tem se dado as suas relações com estas ferramentas e quais têm sido as suas experiências com elas, buscando entender os impactos dessa relação nos processos de subjetivação das mesmas, considerando o enfoque fenomenológico ao decorrer da investigação.

Diante do exposto, percebe-se ao decorrer do estudo que as mídias sociais são ferramentas que precisam ser usadas com equilíbrio, a fim de que elas não sejam o único modo de relação das crianças e dos adolescentes com as coisas, mas apenas uma possibilidade dentre outras, sustentando nesta abertura outras maneiras das crianças e dos adolescentes se relacionarem com o mundo, consigo mesmas e com os outros, sendo importante a influência dos familiares enquanto possibilitadores destas outras possibilidades de experiência sempre que possível, já que estas experiências estão ligadas diretamente aos processos de subjetivação e construção de mundo dos mesmos.

## **2. Os impactos das Mídias Sociais sobre os processos de subjetivação**

Segundo Alain Touraine (2006) os processos de subjetivação ou modos de subjetivação consistem na “construção, por parte do indivíduo ou do grupo, de si mesmo como sujeito” (TOURAINÉ, 2006, p.166). Logo, para Michel Foucault (1995) essa construção pode ocorrer de diferentes modos em nossa cultura, incluindo os modos de objetivação, onde o sujeito é dividido entre ele e os outros, sendo então

objetivado nesta perspectiva, como explicita no texto abaixo ao falar sobre o principal objetivo dos seus longos estudos:

Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos (...) estudei a objetivação do sujeito naquilo que eu chamarei de "práticas divisoras". O sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros. Este processo o objetiva. Exemplos: o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os "bons meninos". (FOUCAULT, 1995, p. 231-232).

A partir da crítica à tal objetivação e objetificação do ser, que invisibiliza o seu caráter de indeterminação, Martin Heidegger (2002) inicia sua obra "Ser e Tempo" repensando as concepções anteriores de ser enquanto um conceito universal, indefinível e evidente por si mesmo. Inicialmente ele expõe que "a universalidade do ser transcende toda universalidade genérica", além de que o ser não pode ser determinado por meio de conceitos, como pode o ente dentro de certos limites, diferenciando o ser do ente e finalmente concluindo sua crítica sobre o conceito de ser enquanto algo evidente, já que toda fala carrega consigo preconceitos, enigmas que estão sempre inseridos à priori. (HEIDEGGER, 2002, p.28-29)

Com isso, entendemos que os processos de subjetivação dizem respeito à tudo o que nos constitui e nos faz humanos, sendo este processo algo que acontece e nos muda a todo instante a medida que não podemos ser compreendidos enquanto uma identidade fixa, determinável, categorizável, dicotômica, evidente, objetivada e universal. Entretanto, temos observado na contemporaneidade um movimento muito forte de desvalorização e invisibilização dessa condição humana de indeterminação, que desaparece no universo das mídias sociais, das telas, da desmaterialização, da descorporificação, do (des)ócio, da transparência invisibilizante, do consumo capitalista, do desempenho, do igual, da carência de sentido de ser, do excesso de informação e da vigilância constante e voluntária.

Segundo o livro "Sociedade Transparente" do autor Gianni Vattimo (1992) o desenvolvimento dos meios de comunicação surgiram com o intuito de tornarem a sociedade mais informada, transparente e consciente de si, entretanto, isso não aconteceu, pelo contrário, as mídias sociais por exemplo tem corroborado para uma espécie de padronização dos modos de ser e estar no mundo, tendo em vista a

invisibilização da suposta transparência em jogo, o que corrobora para o avanço do sistema capitalista calcado no discurso de democratização do acesso à informação, todavia, observa-se apenas a circulação de dados e informações em massa, sem sentidos e saberes, culminando na crise do “eu” e da subjetividade. Portanto, o conceito de sociedade transparente refere-se a:

(...) uma sociedade generalizadamente mediatizada, a qual não era mais transparente devido à intervenção dos meios - não era , como ele disse, mais “iluminada”; pelo contrário, os meios tornavam-na caótica, complexa. (VATTIMO, 1992, p.10)

Sem dúvidas o século XXI tem se mostrado um marco temporal de mudanças comunicacionais e econômicas, colaborando com o surgimento das redes e mídias sociais, que em muito vem impactando todos os âmbitos da vida humana. Para Vattimo (1992) esse contexto da Pós Modernidade e da globalização, corresponde a uma sociedade com a multiplicação dos sentidos, das propagandas e das publicidades, um ambiente propício para que a sociedade dos “mass media” ou mídias de massa consigam proliferar inúmeras histórias, abrindo espaços para experiências cada vez mais mediatizadas.

À medida que a tecnologia avança, a sociedade se organiza ainda mais em prol de uma comunicação mediatizada, isto é, em que toda e qualquer relação humana é mediada, independente do contexto: trabalho, relacionamentos, lazer, afetividades e socialização, basta apenas possuir instrumentos como smartphones, tablets ou computadores e possuir acesso a plataformas como jogos, instagram, facebook, tiktok, dentre outros, possibilitando a conexão de determinadas pessoas à outras em locais geograficamente distantes. Todavia, essa conexão nem sempre aproxima, tendo em vista que as pessoas continuam distantes fisicamente e no compartilhar da experiência da interação e da construção de sentidos. (Martins; Franco; Vasques, 2023).

Em vista disso, Han (2022, p. 58) ressalta que “não escutamos mais a voz do outro no murmúrio digital do igual”, sendo as conexões entre as pessoas no mundo virtual manifestadas sem olhar e sem voz, posto que a comunicação virtual não tem poesia, não tem mistério, é consoada, anunciando uma descorporificação e um vazio

sem proximidade.

Hoje nos entregamos inteiramente a uma comunicação sem limites. Somos praticamente atordoados pela hipercomunicação digital. A barulheira da comunicação não nos faz, porém, menos solitários. Ela, talvez, nos torna ainda mais solitários do que barreiras linguísticas [...] A Hipercomunicação, em contrapartida, destrói tanto o *tu* como também a proximidade. Relações são substituídas por conexões. A ausência de distância suprime a proximidade [...] (HAN, 2022, p. 42)

Ademais, a hipercomunicação enquanto fruto do sistema capitalista tem caminhado para um novo paradigma, onde a comunicação midiaticizada e suas tecnologias de proliferação veiculadas em todo o globo se caracterizam como um impulso motriz determinante desse sistema, que tem desenvolvido uma nova cultura movida pelos fluxos de capitais, circulação, pessoas, mercadorias, ideias, informação, resultando em novos comportamentos e percepções de mundo padronizados (COUTINHO; SOUZA; MIANI, 2008).

Com o advento da tecnologia e conseqüentemente do surgimento das mídias sociais, que são meios tecnológicos de interação e troca de informações, vozes foram visibilizadas, diversidades humanas foram reconhecidas e inseridas no mundo, ou seja, houve uma certa democratização no sentido de que qualquer pessoa poderia mostrar aquilo que quisesse sobre ela mesma, escolhendo de algum modo como gostaria de ser percebida pelo mundo. Entretanto, percebe-se que alguns modos de ser e estar no mundo divulgados nas mídias sociais nem sempre são o que parecem, fazendo com que este seja um mundo perigoso de interagir, uma mistura de aventura, ilusão e perigo.

Desse modo, fazendo um recorte entre crianças e adolescentes, o uso excessivo das mídias sociais pode alterar suas percepções de mundo, influenciando para que elas interajam muito mais com o mundo das telas do que com o mundo físico, o que pode afetar a percepção da criança e do adolescente sobre si mesmo, como também suas relações sociais físicas. Além disso, outras conseqüências podem emergir dessa consideração única de mundo como: a redução da curiosidade para descobrir coisas novas no cotidiano, sem fazer uso da internet; a precarização da imaginação, já que as coisas estão dadas demais nas mídias sociais; e a diminuição do contato mais próximo com a natureza, tendo em vista a limitação voluntária ao



universo das telas.

### **3. As “mass medias” e a cultura do consumo: o ter em detrimento da experiência de ser e estar**

De acordo com Vattimo (1992) vivemos na era das “mass medias” ou mídias de massa, que são meios de comunicação que permitem a troca de informações em massa. Logo, compreende-se que as mass medias possibilitam outros modos de relação do ser consigo mesmo, com o mundo e com o outros. Entretanto, estes outros modos de relação podem acarretar em consequências pouco significativas para o ser no sentido do mesmo não explorar sua condição humana de liberdade mediante o uso das mass medias, se tornando refém delas, ou seja, se submetendo voluntariamente ao mero papel de objeto de manobra a ser manipulado e moldado conforme impõe a norma predominante das redes sociais, que seguem a lógica capitalista do ter em detrimento da experiência de ser e estar.

Neste sentido, percebe-se que o mundo digital coopera para a descorporificação das pessoas, bem como, para a desmaterialização dos objetos, como expõe Han (2018):

A ordem digital efetua uma crescente descorporificação do mundo. Hoje há cada vez menos comunicação de corpos. Ela também desfaz contra corpos ao tomar das coisas seu peso material, sua massa, seu peso próprio, sua vida própria, seu tempo próprio e torná-los disponíveis e a qualquer número. (HAN, 2018, p.48)

Dessa forma, sem contra corpos, ou seja, sem pessoas se opondo umas às outras por conta das suas diferenças, galgamos para uma sociedade que segue para uma mesma reta, sem espaço para outros modos de vida que fogem à essa norma. Podemos observar isto na criação das crianças e dos adolescentes contemporâneos, que nascem já imersos no mundo da tecnologia, sem espaço para outros modos de vida mais contemplativos, que abrem espaço para a interação mais próxima com o mundo ao redor e com outras pessoas, já que basta entregar um tablet ou um smartphone para que os mesmos se aquietem e deem “menos trabalho”. Nesse



sentido, observa-se o quanto o desejo pela liberdade existencial de experienciar o mundo por meio da preservação de momentos de mistério, descoberta tátil e potencialização da imaginação estão em declínio.

Principalmente porque observa-se o estabelecimento de uma relação de dependência por parte das crianças e dos adolescentes com algumas ferramentas e mídias sociais como o facebook, o instagram, o whatsapp, o tik tok, o cap cut e o kwai, que também operam enquanto ferramentas de entretenimento, ocupando um grande espaço de atenção ao decorrer do dia-a-dia do público citado, à princípio por influência de pessoas conhecidas como “influenciadores digitais”, que acabam determinando através da sua percepção sobre as coisas um modo de viver mundo considerado correto, ou seja, um padrão de comportamento compreendido enquanto aceitável para estar no mundo.

Certamente, sabemos que tal realidade que transparece no mundo das telas nem sempre é o que se mostra, logo, isto impacta diretamente na vida real das crianças e dos adolescentes que começam a desejar ter e ser o que os influenciadores em sua transparência invisibilizante aparentam que têm e são. A não realização deste desejo acaba gerando uma frustração que pode em muito afetar a percepção dos mesmos sobre si mesmos, sobre o mundo e sobre as pessoas. Uma angústia baseada na falta da obtenção das coisas que são vendidas pelos influenciadores como primordiais para a felicidade e satisfação plena. Logo, sabemos que isto é temporário, já que se em algum momento eles obtêm o que é vendido como realização plena, o interesse frente ao mistério logo se desfaz, corroborando para a alimentação constante e desenfreada de uma sistema capitalista neoliberal que nunca se sustenta.

Neste contexto temos a cultura do consumo que é decorrente da “mass media” ou mídias de massa que através das propagandas e dos comerciais cooperam para que as crianças e os adolescentes sintam uma necessidade desenfreada por consumo e compra de objetos e marcas de modo insaciável, alimentando a dependência pelo sistema capitalista. Logo, essa prática acaba definindo em alguma medida as pessoas, tendo em vista que ela vem carregada de uma ideia, um estilo, um conceito, um sonho, uma euforia, isto é, reduzindo a sociedade a um padrão

previamente estabelecido (BICK et al., 2013).

Em sua obra “terror do igual” Han (2022) revela que o terror do igual é consequência de uma força que move todos: o sistema capitalista, onde todos são iguais e fazem tudo igual, uma sociedade da não experiência, como expõe abaixo:

O terror do igual abrange, hoje, todas as esferas da vida. Viaja-se para todos os lugares sem se ter uma experiência. Tornamo-nos familiares com tudo, sem chegarmos a um conhecimento. Acumulam-se informações e dados, sem se chegar a um saber. Cobiçam-se vivências e estímulos, nos quais, porém, se permanece sempre igual a si mesmo. Acumulam-se Friends e Followers, sem nunca se encontrar com outro. Mídias sociais representam um estágio da atrofia social. (HAN, 2022, p.8-9)

#### **4. A importância da atuação dos familiares enquanto rede de apoio na mediação dessa relação entre crianças/adolescentes e mídias sociais**

Considerando a relevância e ao mesmo tempo a complexidade da temática abordada, fica evidente a extrema importância do suporte dos familiares, enquanto rede de apoio e mediação ao decorrer desse processo de relação das crianças e dos adolescentes com as mídias sociais, por meio da conversa sobre a possibilidade de ampliação de outros modos de relação com o mundo para além das telas, da valorização de atividades mais contemplativas ou presencialmente mais dinâmicas, entre outras ideias, corroborando assim de algum modo para uma maior conscientização do público em questão acerca de um uso mais saudável com estas ferramentas de interação.

Ademais, também é notório que crianças e adolescentes estão em uma posição de maior vulnerabilidade no que tange aos riscos que as redes sociais podem trazer, bem como as possíveis violações dos direitos humanos em virtude do abuso do consumo dos conteúdos nas plataformas. Sabe-se que são extremamente convidativas, tendo em vista que esses conteúdos são rápidos e que provocam entretenimento e prazer. Por não possuírem conhecimento acerca dessas informações ou simplesmente por não perceberem quando estão em alguma situação de perigo, se faz necessária uma mediação dos pais neste sentido a fim de orientá-

los acerca dos perigos ocultos advindos da tecnologia.

Considerando isto, o autor Han (2018) nos alerta sobre a rede social atuar como um panóptico digital. O panóptico foi um modelo prisional muito utilizado a partir do século XVIII como um sistema de vigilância direcionado para pessoas que estavam encarceradas, sendo muito útil e econômico por necessitar apenas de um carcereiro em uma torre central com acesso livre a todos os prisioneiros. Hoje, este panóptico é digital, ou seja, a vigilância nas redes sociais é constante e nós mesmos voluntariamente divulgamos nossos dados e informações pessoais nelas, sendo isto muito perigoso no caso das crianças e dos adolescentes que ao exporem suas vidas cotidianas em excesso, podem ser alvos de pessoas com intenções criminosas que procuram suas vítimas por meio destas ferramentas de vigilância.

Em razão disso, justifica-se a importância de os pais acompanharem, de modo que oriente e medie o uso dos seus filhos nas plataformas, a fim de minimizar os impactos danosos ocasionados pelo uso indiscriminado e conflitos relacionados à privacidade, exploração do trabalho infantil, cyberbullying e violação da dignidade da criança e do adolescente.

Ademais, essa grande exposição das crianças e dos adolescentes às mídias sociais também podem provocar dependência, violações à integridade física, tais como mutilações e até mesmo o suicídio como aponta a OMS - Organização Mundial de Saúde que indica que uma das maiores causas de morte entre crianças e adolescentes no mundo advém do suicídio, por isso a necessidade urgente de buscar alternativas que possam em alguma medida minimizar situações que possam viabilizar esse acontecimento (CRUZ; JÚNIOR, 2022).

Como bem preceitua o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) em seu art. 3º da lei Lei nº 8.069 de 1990:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Assim, o ECA veio para contribuir com a proteção integral à criança e

adolescente posicionando-os como sujeito de direitos, levando em consideração a qualidade de pessoas em desenvolvimento, de maneira que não resguarda somente a integridade física, mas também sua imagem, sua identidade, direitos estes personalíssimos.

Quanto à responsabilização pela proteção integral das crianças e adolescentes, têm-se no art. 4º do ECA os incumbidos para assegurar e promover os direitos, *in verbis*:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Portanto, há uma necessidade de um olhar mais humanizado para as crianças e os adolescentes, de modo a compreender o contexto no qual se inserem, mostrando-lhes que é possível vivenciar experiências prazerosas e divertidas com o mundo, com os outros e consigo para além das telas. Esse cuidado pode partir da criança e do adolescente ou de seus responsáveis, sendo portanto primordial o olhar atento dos pais para com os filhos neste sentido, a fim de oportunizar sempre que possível ou necessário a construção de experiências mais significativas de relação com as coisas.

## **5. Conclusão**

É notório que a contemporaneidade é marcada por inúmeros fenômenos relacionados ao uso desenfreado das mídias sociais em uma sociedade de consumo e excesso de informações, que distorce as percepções do que é real e do que não é, bem como, que prioriza o ter em detrimento da experiência de ser e estar no mundo. Portanto, ficou evidente o quanto isto impacta diretamente nos processos de subjetivação das crianças e dos adolescentes, que são influenciados a desenvolverem um modo de vida, de relação com as coisas e comportamentos padronizados e pouco

significativos, o que invisibiliza um horizonte de possibilidades e sentidos de ser no mundo com os outros. Ou seja, as crianças e os adolescentes entram em contato com essa gama de dados, informações e imagens expostas nas redes sociais e tentam replicá-las em seu cotidiano, se tornando mero objeto do sistema capitalista.

Contudo, ficou evidente que as mídias sociais são ferramentas que precisam ser usadas com equilíbrio, a fim de que elas não sejam o único modo de relação das crianças e dos adolescentes com as coisas, mas apenas uma possibilidade dentre outras, abrindo espaços para modos de ser e estar no mundo mais contemplativos e criativos, que incentivem o uso da imaginação, da exploração do mundo fora das telas, do contato com a natureza e da construção de vínculos e de relações mais significativas da criança e do adolescente consigo mesmo, com o mundo ou com os outros, sendo de extrema importância a mediação dos pais ou responsáveis ao decorrer deste processo. Dessa forma, os responsáveis atuam como rede de apoio, mediadores nessa relação das crianças e dos adolescentes com a tecnologia, a fim de lhes auxiliarem, possibilitando-lhes o contato com outras experiências de mundo para além das redes sociais sempre que possível.

## Referências

BICK, Vanice Teresinha. CLARO, Leila Mara Piasentin. ROSA, Juliana Foliatti da. PEREIRA, Lilian Lopes. As influências da mídia no desenvolvimento infantil. Rev. Psicologia em Foco Frederico Westphalen, v. 5 n. 5 p. 101-115 Jul. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1105>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

BRASIL. Estatuto da Criança e do adolescente - Lei 8.069 de 1990. Brasília, 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 23 de junho de 2024.

COUTINHO, Nayara Carvalho. SOUZA, Jean Estevão. MIANI, Rozinaldo Antonio. A disputa da hegemonia no campo da Comunicação: crítica à sociedade midiaticizada e os pressupostos contra-hegemônicos da Comunicação Popular e Comunitária. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Guarapuava – 29 a 31 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0512-1.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

CRUZ, Patrícia Moura Monteiro. JÚNIOR, Antonio Jorge Pereira. Neurociência e direito: interferências do algoritmo das redes sociais e seus impactos nos direitos humanos das crianças e dos adolescentes. *In*: Lopes, Ana Maria D'Ávila et al. Neurodireito, neurotecnologia e direitos humanos. Porto Alegre : Livraria do Advogado, 2022.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: Dreyfus, H.; Rabinow, P. Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, Byung-Chul. A Expulsão do Outro — Sociedade, percepção e comunicação Hoje. Lisboa: Relógio D'Água, 2018.

\_\_\_\_\_. A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje. tradução de Lucas Machado — Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. 12. Ed. (parte I). Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, Araceli de Souza. FRANCO, Bruno Fiuza. VASQUES, Ana Tereza Dias. Os impactos das redes e mídias sociais na subjetividade: uma leitura psicanalítica. *Psicologias em Movimento* - v.3, n.1: jan-jul, 2023. Disponível em: <https://www.unifan.edu.br/revistas/index.php/RevistaSEPsicologias/article/download/1041/694>. Acesso em: 17 de junho de 2024.

TOURAINÉ, Alain. Um Novo Paradigma: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2006.

VATTIMO, Gianni. A Sociedade Transparente. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.